

# CASTRO LABOREIRO – SERRA DA PENEDA. SISTEMAS DE POVOAMENTO E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO

por

Alexandra Cerveira Pinto Sousa Lima

**Resumo:** Em Castro Laboreiro, freguesia serrana, uma parte importante dos aldeamentos são ainda hoje ocupados sazonalmente (brandas e inverneiras). É possível seguir a actual malha de povoamento, para o espaço da freguesia, até à centúria de seiscentos e temos evidências para a existência daquelas movimentações sazonais nessa data. Numa área mais vasta, em que a freguesia se inclui, *grosso modo* contida entre os rios Vez, Laboreiro e Lima, estando já documentados os centros de povoamento actuais nas fontes da Baixa Idade Média, há indícios para que desde então se articulem com *habitats* complementares de altitude, ligados certamente à exploração dos pastos de Verão. Há evidências para uma ocupação anterior da serra, em período histórico, atestada pela presença de despovoados, numa implantação de meia encosta e recatada, diversa da implantação mais aberta que caracteriza os povoados posteriores.

**Palavras-chave:** Povoamento. Sazonalidade. Idades Média e Moderna.

Esta exposição é o ponto da situação de um trabalho que desenvolvo há cerca de dois anos centrado na freguesia de Castro Laboreiro, concelho de Melgaço<sup>1</sup>. Procurei, ao longo da investigação, perceber a forma do povoamento, o modo como era usado e transformado o espaço, e as mudanças que em ambos se foram operando ao longo do tempo. Parti da análise do povoamento actual de Castro Laboreiro e fui recuando ao longo do Antigo Regime e Idade Média. Por vezes foi possível este “ir para trás”, por sobre as poldras que são os documentos, a memória oral, as marcas físicas na paisagem. Outros aspectos foram apenas questionados e esperam que o desenvolvimento da investigação traga outras tantas respostas.

---

<sup>1</sup> A investigação constituiu a base da tese de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto e orientada pelo Prof. Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida. O desenvolvimento do trabalho tem sido feito em colaboração com o Parque Nacional da Peneda-Gerês e veio integrar-se num projecto mais vasto, coordenado por esta instituição, de estudo da evolução da paisagem naquela freguesia.

Castro Laboreiro é um território extenso, 8250 hectares, dos quais cerca de 10% são actualmente agricultados. A área restante é baldia, ocupada por carvalhais, mato e pastos. Terra montanhosa, contida quase toda entre os 800 e os 1300m, compartilha com as vizinhas comunidades humanas uma vocação pastoril que a presença de extensas pastagens naturais faria suspeitar.

Os vales que delimitam do lado português a serra (o vale do Laboreiro, o do rio Mouro e o do rio Vez), marcam o limite de um tipo de povoamento que vamos encontrar também no território fronteiriço da outra margem do Lima: o povoamento sazonal. Isto é, as populações oscilam, sazonalmente, entre o povoado de vale e um núcleo situado nas zonas altas de montanha, para onde se leva o gado a apascentar no Verão — as brandas. Se afinarmos um pouco a observação, apercebemo-nos que este conjunto encerra múltiplas cambiantes.

Algumas comunidades solidamente implantadas naqueles vales possuem, quer brandas pastoris, onde estaciam apenas pastores e gados, quer brandas de cultivo<sup>2</sup> onde as famílias que se deslocam, levando o gado, trabalham campos arrancados ao monte. Em qualquer dos casos, a branda cumpre uma função de núcleo de apoio, expresso habitualmente a nível das estruturas do povoado e da casa que se diferenciam claramente do povoado de vale. As construções de falsa cúpula que caracterizam muitas brandas (por vezes construções disseminadas sem que se organizem em arruamentos) ilustram bem o que acabo de dizer. Só por si a toponímia actual — Curro da Velha, Curromadela —, ou que surge na documentação medieval — Curral de Lamelas — dá-nos indicações sobre este carácter complementar do núcleo serrano. Não é a aldeia onde se habita, de onde se é proveniente. Mas a realidade nem sempre é esta e, por vezes, o *curral* adquire forma e estatuto de aldeia. É assim em Castro Laboreiro.

Aqui, onde as inverneiras se situam em torno da cota dos 800m, as brandas ganham em importância — é onde se vive mais tempo. A estrutura dos povoados de Verão e de Inverno é similar, bem assim como a casa. Só nos últimos decénios um dos núcleos se começa a assumir como centro e, neste caso, é a branda. São as características específicas do povoamento de Castro Laboreiro que procurarei brevemente analisar.

O território é constituído por dois patamares naturais. A norte, a vasta área planáltica, a partir dos 1100m. É nas suas franjas que se anicham as brandas. A sul, um vale escavado pelo rio Laboreiro, de encostas abruptas, aberto ao meio-dia de onde lhe chegam influências climáticas<sup>3</sup>. Neste vale se abrigam as

---

<sup>2</sup> Ver, a este propósito, Isabel Medeiros, *Estruturas pastoris e povoamento na Serra da Peneda*. Lisboa, 1984 (policopiado).

<sup>3</sup> Orlando Ribeiro, "Brandas e Inverneiras em Castro Laboreiro", *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, 6 (1-2), 1939, p. 297-302 (Reeditado nos *Opúsculos Geográficos*. Vol. 4, Lisboa, FCG, p. 251-256).

inverneiras. No largo corredor que bordeja pelo poente o planalto e que estabelece a ligação com a Ribeira, instalaram-se os lugares fixos. No centro do território, implanta-se a vila de Castro Laboreiro, sede da freguesia, local onde se ergue a igreja paroquial e cabeça do concelho do mesmo nome extinto em 1855. Sobranceiro à vila, no ponto onde os dois patamares naturais se encontram e se abre a melhor portela de ligação entre ambos, cruzada pelo caminho que leva, para Norte, às terras baixas da Ribeira, fica o morro do Castelo.

Em redor de cada um dos *lugares* (de tamanho geralmente médio ou mesmo, no caso dos lugares fixos e da vila, grande<sup>4</sup>), núcleos concentrados, onde por vezes as casas se alinham, paredes-meias, ao longo do caminho, formaram-se circuitos grosseiramente ovalados que se distinguem claramente das bouças e matos envolventes. É o centro do território agricultado, de campos fechados por muretes de pedra seca. São terras de centeio e, mais recentemente, da batata. O parcelário morto que se estende, sob a forma de cercas justapostas, ao longo do planalto, até ao limite da mancha xistosa no extremo leste, revela antigas pressões sobre o baldio. Apropriações de pastos e mato e parcelas para cultivo de centeio e até batata que se foram arrancando àquelas terras.

Para percebermos como evoluiu o povoamento no espaço da freguesia, há que olhar em volta e procurar outras estratégias de ocupação do espaço no mesmo território. Em primeiro lugar, os desenvolvimentos dos últimos anos tendem a definir um novo modelo caracterizado pelo fim do movimento sazonal, o abandono das inverneiras e um desmembramento das brandas pelo avanço das casas para a face das estradas novas, modelo este associado à retracção do pastoreio e da agricultura, com conseqüente recuo dos campos de cultivo e desenvolvimento livre do carvalhal. A vila mantém a função de centro e os grandes eixos ordenadores são as estradas asfaltadas e, sobretudo, a estrada de ligação à vila de Melgaço. Para além desta nova estratégia de povoamento que se esboça, dois diferentes modos de ocupação do espaço ficaram impressos na área da freguesia.

A primeira, cujas marcas se concentram no planalto, está representada por uma magnífica necrópole megalítica. A segunda, é atestada por um povoado abandonado, implantado a meia encosta, num *plateau* do morro do castelo e para sudeste deste. Trata-se de um conjunto de estruturas maioritariamente rectangulares, definidas no terreno pelo alinhamento de blocos graníticos de razoável dimensão.

Estas estruturas organizam-se da seguinte forma: no interior de um espaço de c. de 8400m<sup>2</sup> (120x70m), limitado pelos lados mais vulneráveis, norte e sul,

---

<sup>4</sup> Com base no censo de 1940, a média de fogos é de 18 por branda, 14-15 por inverneira e 31-32 por lugar fixo. Os critérios utilizados para a definição de categorias de grandeza seguem os de Abel Bouhier, *La Galice. Essai géographique d'analyse et d'interprétation d'un vieux complexe agraire*. La Roche-sur-Yon (Vendée), Imprimerie Yonnaise, Tomes 1 e 2, 1979.

por um amuralhamento constituído pela acumulação de grandes pedras não afeiçoadas, associadas às formações naturais, espaço cujo eixo maior é marcado por um caminho lajeado nalguns troços, organizam-se uma série de construções delimitadas por um cercado cujo lado poente bordeja o caminho.

Estruturas do mesmo tipo desenvolvem-se para norte destas e para oeste do caminho. Para sul, já no exterior do *plateau*, numa chã contígua e, para oeste, galgando a encosta, outras estruturas semelhantes aproveitam minúsculas plataformas, adossando-se aos rochedos. Todas estas casas apresentam o mesmo tipo de aparelho, similar ao que observamos em construções mais antigas e menos elaboradas das brandas e inverneiras. É constituído pela imposição no solo de grandes blocos, esteios graníticos aos quais seriam justapostas, aparentemente não argamassadas, pedras de tamanho menor. As paredes podem assentar directamente na rocha base mas não há a preocupação de a procurar, podendo pousar simplesmente na terra.

As dimensões são variáveis, distinguindo-se dois grupos: um, constituído por construções cujo eixo maior é de cerca de 10m ou de dimensão superior e outro, de construções quadrangulares com cerca de 6 m de lado. Quanto à estrutura destas construções, enquanto umas são de planta simples, outras apresentam soluções mais complexas, com um ou mais compartimentos ou construções acopladas. Todas, no entanto, teriam indubitavelmente o mesmo tipo de cobertura: tégulas e ímbrices, dos quais restam numerosos fragmentos<sup>5</sup>.

A pouquíssima cerâmica recolhida por nós à superfície, extraordinariamente fragmentada e rolada, não é susceptível de dar outras indicações. O desenho integral do conjunto, bem como os trabalhos de limpeza projectados, darão certamente novas pistas<sup>6</sup>. Novas pistas dará certamente a confrontação com outro povoado descrito como muito semelhante a este. Situado dezanove quilómetros para sul do de Castro Laboreiro, implanta-se numa chã sensivelmente a meia encosta mas desenvolvendo-se quase até ao topo do morro denominado Torre Grande<sup>7</sup>, próximo da povoação do Lindoso e sobranceiro ao rio Cabril que, tal

<sup>5</sup> Escavada uma destas estruturas pelo Arquitecto Roberto Leão na década de 70 (escavação da qual existe no Parque Nacional um painel com o desenho e a descrição destinados a figurar numa exposição), foi identificado um solo constituído pelo afloramento e pequenas pedras destinadas a nivelá-lo. A casa compreendia duas divisões cuja separação era feita por um muro. Na divisão maior, foi identificada uma lareira que diz ser "constituído por uma argamassa de barro aplicada directamente sobre a terra nivelada". O espólio, que era constituído por alguns fragmentos cerâmicos e que terá ficado depositado na sacristia da igreja paroquial, ter-se-á entretanto misturado com materiais de diversa natureza e proveniência, não sendo actualmente passível de identificação e estudo.

<sup>6</sup> Refira-se a quase ausência de potência de terras. De facto, a primeira fiada das paredes e os fragmentos de tégulas e ímbrices repousam, muitas vezes, sobre o afloramento.

<sup>7</sup> Este povoado foi identificado em 1979 por A. Martinho Baptista. O autor atribui a ambos os povoados, Torre Grande e povoado a sudeste do castelo de Castro Laboreiro, que paraleliza, uma cronologia do período da Reconquista; António Martinho Baptista, "Monumentos Arqueológicos do Parque Nacional. A Torre Grande (Lindoso)". *Juriz*, Braga, nº 6-7, 1990, p. 9-11.

como o rio Laboreiro é afluente do Lima. Este povoado caracteriza-se por estruturas de tamanho e aparelho semelhante ao povoado de Castro Laboreiro, adossando-se aos penedos e utilizando o mesmo tipo de cobertura: telhas e ímbrices. Parte das construções são também envolvidas por cercados. Não foi identificado amuralhamento ou reduto defensivo em associação com o povoado mas não é de excluir, para já, a possibilidade da sua existência.

A disposição no interior de um espaço definido por um cercado, de um conjunto de edifícios de desigual dimensão, ademais com um eixo preferencial de orientação das construções que é de certa forma marcado pelo caminho, evoca características de povoados alti-medievais estudados em várias regiões europeias (povoados anglo-saxónicos e alemães dos séculos VI e VII), em que a presença dos vários edifícios tem sido interpretada como correspondendo às diferentes funções — *casa* e *anexos* — de uma unidade agrícola<sup>8</sup>. O tipo de casa, por seu turno, pode ser aproximado do tipo definido como *casa elementar*, que seria o tipo mais *clássico* da casa alti-medieval naquelas regiões europeias mas que se estende pela Baixa Idade Média, altura em que aparece em uso em grande parte da Europa. Evoluiria progressivamente, nalgumas zonas, para a partição em dois espaços, um deles, desprovido de lareira e interpretado como sendo quarto de dormir<sup>9</sup>.

De difícil datação, dada a escassez de espólio, e uma vez que o tipo de casa e de aparelho se estendem no tempo longo e que são documentadas utilizações muito tardias da telha — reutilizações ou mesmo fabricação — a sua implantação recatada, a meia encosta, e a estrutura das construções, evocaria alguns povoados, para o espaço português, que têm sido atribuídos ao período da Reconquista. A presença de muretes fechando espaços que grandes blocos graníticos definem e o tipo de construções que galgam a encosta, adossando-se à penedia, parece ser um tipo de solução semelhante à descrita para S. Martinho de Mouros e Penela por Mário Barroca — embora neste último caso estejamos em presença de casas escavadas nos calcários — e que este autor atribui àquele período<sup>10</sup>. Ambos se localizam na proximidade e em relação com o castelo que domina o monte em que se implantam.

Em Castro Laboreiro, o castelo é de construção dionisina<sup>11</sup>, constituído por dois recintos muralhados. A torre de menagem, bem como a cisterna, integram-

<sup>8</sup> Jean Chapelot e Robert Fossier, *Le Village et la Maison au Moyen Age*. Éditions Hachette, 1980, p. 106.

<sup>9</sup> idem, pp. 224 e 247.

<sup>10</sup> Mário Jorge Barroca, "Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (Séc. IX a XII)". *Portvgalia*, Porto, Nova Série, Vol. 11-12, 1990-91, p. 89-136. Vêr, para esta questão, as páginas 103 e 110. O autor sublinha que "a opção por habitats rupestres nestes conturbados períodos da Reconquista não é, de resto, exclusiva da área portuguesa." idem, p. 111.

<sup>11</sup> A "análise da sua arquitectura condiz com a notícia de Rui de Pina que no-lo refere como uma edificação do tempo de D. Dinis", Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Alto Minho*. Lisboa, Ed. Presença, Col. Novos Guias de Portugal, 1987, p. 182.

-se no recinto menor, o setentrional, para que abre a Porta do Sapo, sobre a falésia. O segundo recinto, para sul, é de maior dimensão e constituirá "...espaço da mais alta importância para recolher gados e bens"<sup>12</sup>. Era para este recinto que abria a porta do Sol, ligada por caminho à vila de Castro<sup>13</sup>.

Há no entanto referências para uma fortificação anterior. Num documento de 1152 aparece referido como *mons*<sup>14</sup>. Pela "carta de couto ao mosteiro das religiosas de Paderne em 1141", sabemos que foi tomada por D. Afonso Henriques, visto declarar, na concessão do couto, que "atende também ao serviço" que então lhe fez a abadessa do mosteiro, enviando-lhe éguas, cavalos, vinho e "um cento de aureos"<sup>15</sup>. Num documento de 1194, uma "escritura de Fiães", no *Cartulário* do mesmo Mosteiro, Parada do Monte é "identificada sub monte leporario"<sup>16</sup>.

Posteriormente, nas Inquirições de 1258, em que a paróquia aparece referida como Santa Maria de *Crasto* Leboreiro, os moradores de São Pedro de Mou, (actual freguesia de Riba de Mouro, que então se estendia por todo o vale do rio Mouro) dizem que "quando ouverem guerra am de guardar as travessas do monte de Leboreiro; et se ouvirem voz d apelido do Castello de Leboreiro deven li a acorrer". Poderíamos então supôr que no morro do castelo se implantava um *reduto* defensivo, onde tomavam refúgio, desde período anterior à nacionalidade, as populações de comunidades que habitavam o conjunto daquela área serrana ou viviam nas suas imediações. Posteriormente, em face da situação estratégica do morro, aí foi feito *castelo* fronteiriço.

Para uma ocupação dos vales confinantes da montanha e franjas da serra, ao tempo da Reconquista, os testemunhos são abundantes — Vale do Vez, pelo ocidente, Celanova a oriente, Soajo pelo sul<sup>17</sup>. Que fruiriam dos pastos de montanha, ademais numa época de instabilidade em que o gado é dedicação mais segura,

<sup>12</sup> *idem*, p. 182.

<sup>13</sup> Hoje impraticável, este caminho estava já no início do século "quási destruído por completo", *Jornal a neve*, Castro Laboreiro, 1920, 5:1.

<sup>14</sup> "...et illos (casais) de roucis subtus mons liboreiro territorio tudense in litore minei." Documento transcrito em Ermelindo Portela Silva, "La Region del Obispado de Tuy en los siglos XII a XV. Una sociedad en la expansion y en la crisis". *Compostellanum*, 20 (1-4), Santiago de Compostela, 1975, p. 355.

<sup>15</sup> Henrique da Gama Barros, *História da Administração Pública em Portugal, nos Séculos XII a XV*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 2ª Edição, 1945, Tomo 1, p. 275.

<sup>16</sup> P.º Manuel António Bernardo Pintor, *O Recontro de Val-de-Vez. Onde foi?* Braga, 2ª Edição, 1977, p. 63. Este autor refere expressamente que em "muitos documentos do mosteiro de Celanova... se descrevem propriedades" *subtus mons* Leboreiro.

<sup>17</sup> Entre outros autores vêr José Angel García de Cortazar, *La sociedad rural en la España Medieval*. Madrid, Siglo XXI de España Editores, S.A., 1988, p. 41; P.º Manuel António Bernardo Pintor, *op. cit.*, pp. 54, 63 e 78; P.º Manuel António Bernardo Pintor, "Por Terras de Soajo. São Bento do Cando na freguesia da Gavieira", in *Terra de Val de Vez*, nº 2, Braga, 1981, p. 6, ns. 1, 2 e 3.

necessitando de menos braços e mais facilmente defensável<sup>18</sup>, parece-nos certo. Por outro lado, sabemos também, até pelo exemplo de Castro Laboreiro em períodos recentes, que o cultivo sobre queimada nas alturas da serra é não só viável como foi largamente praticado por quase todas as comunidades que usufruíam de brandas<sup>19</sup>. A exploração de produtos silvestres e da caça está largamente documentada para todas as populações que envolvem a serra, nas Inquirições de 1258.

Construindo uma cartografia a partir destas Inquirições, bem como do Numeramento de 1527, fica-nos uma imagem que tem servido de base a que investigadores considerem toda a área montanhosa da serra da Peneda, nessas datas, um “imenso vazio” apenas cortado por dois núcleos de povoamento — Castro Laboreiro e Soajo — e por um pontuado de currais associados à utilização de pastos de altitude<sup>20</sup>. Assim, e com excepção de Fiães, estaríamos perante um povoamento de Ribeira, fixando-se os núcleos habitados todos em torno da cota dos 300m ou abaixo desta. A lenta ocupação da montanha dataria assim da época moderna.

De facto, constata-se a ocupação e uso das terras altas da montanha. Assim, verifica-se a existência de núcleos construídos complementares ao povoado mãe: o Curral de Lamelas, referido numa demarcação dum reguengo nas mesmas Inquirições, pela coincidência dos outros topónimos, trata-se indubitavelmente da actual branda de Lamelas da freguesia do Cabreiro, vale do Vez. Por documentação dos finais do século XIII e inícios do seguinte<sup>21</sup>, é possível verificar a existência de núcleos habitados, actuais brandas ou lugares fixos — Gave e Outeiro da Gave, Parada do Monte, Val de Poldras — nomeadamente ao longo do Vale do Mouro e mesmo no topo da serra. Por seu lado, a igreja de Lamas de Mouro assinalará a presença daquela comunidade na Baixa Idade Média. Teríamos assim um mapa mais denso, uma rede de povoados semelhante à actual, e relevando de uma estratégia de ocupação do espaço diferente da que é atestada por uma série de despovoados<sup>22</sup>, ocupação arcaica em pleno ambiente serrano, adentro do período histórico. Como se relacionam com o povoamento posterior, de que tipo de

---

<sup>18</sup> Angel Barrios Garcia, *Estructuras Agrarias y de Poder en Castilla. El ejemplo de Ávila (1085-1320)*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, “Documentos y Estudios para la História del Occidente Peninsular Durante la Edad Media”, 1984, vol. 1, p. 169.

<sup>19</sup> A datação que foi atribuída para a desflorestação do alto da Peneda, por razões antrópicas (pastoreiro, queimadas...), entre os anos 800 e 1000, denunciaria uma precoce, intensa e pouco controlada utilização da alta montanha, Geneviève Coudé-Gaussen, *Les Serras da Peneda et do Gerês. Étude Géomorphologique*. Lisboa, Memórias do Centro de Estudos Geográficos, nº 5, 1981, p. 224.

<sup>20</sup> Isabel Medeiros, “Acerca do povoamento da Serra da Peneda”. *Terra de Val de Vez*, Arcos de Valdevez, Nº 7, 1984, p. 39-56.

<sup>21</sup> Documentos do Mosteiro de Fiães referidos em P.º Manuel António Bernardo Pintor, “Por Terras de Soajo. São Bento do Cando na freguesia da Gavieira”, in *Terra de Val de Vez*, nº 2, Braga, 1981, p. 5-30.

<sup>22</sup> Para além dos referidos, há menções orais a alguns despovoados no coração da Serra Amarela, nem todos identificados (Porto Chão, Ludendos...). Inf. de A. Martinho Baptista.

continuidades ou descontinuidades relevam, a investigação que prosseguiremos, tomará o rumo dessas questões<sup>23</sup>.

É provável que a movimentação sazonal para os pastos de altura com criação de núcleos complementares, movimentação comum a toda a área serrana, já tivesse um carácter específico em Castro Laboreiro ao tempo do Numeramento. De facto, aí refere-se que os moradores no Inverno “se vão vyver fora por ser terra frya”. Por outro lado sabemos que, por essa data, já existiriam pelo menos alguns dos núcleos que na centúria de setecentos são expressamente referidos como brandas. Poderemos então pensar que já seriam usados sazonalmente<sup>24</sup>. Aqui, a exiguidade das terras do vale e a existência de alvéolos de terra arável no planalto, associados às pastagens naturais, contribuiu para reforçar este carácter de branda de pastoreio e de cultivo. Ao contrário do que acontece com todas as outras comunidades da serra que utilizam brandas, Castro Laboreiro desenvolveu no vale um sistema agrícola menos elaborado, com cultivos pouco diversificados, sem recurso ao aproveitamento em socalcos, antes mais extensivo.

As alterações actuais do tipo de povoamento sazonal e a criação de um novo tipo de paisagem corresponde às mudanças mais genéricas que se operam na sociedade. Com a plena inserção no mundo capitalista e na economia de mercado, pós anos 70, as casas, agora volumosas, transformam-se para dar corpo já não a funções agro-pastoris mas, frequentemente, a actividades terciárias. Perdida a serventia dos antigos caminhos, alinham-se ao longo da estrada asfaltada que, cada vez mais rapidamente, leva ao exterior. Perdidas as antigas solidariedades, as casas tendem a uma certa dispersão, salpicando as vias.

O antigo modelo de povoamento apaga-se. Dele poderão restar, como vestígios, algumas brandas, muitas inverneiras, rede viária e os parcelários abandonados pelo monte que acolhe também os vestígios dos modelos de ocupação do espaço mais antigos. O desafio que se coloca actualmente em Castro Laboreiro, cuja situação no interior do Parque Nacional incita à preservação e a possibilita, é como tentar preservar um determinado modelo de povoamento e

---

<sup>23</sup> O Dr. Luís Fontes tem vindo a desenvolver escavações arqueológicas na região do Lindoso, de que advirão certamente importantes contributos ao conhecimento do povoamento alti-medieval e do período da Reconquista em conexão com esta área serrana.

<sup>24</sup> Esta duplicação do habitat e das parcelas agrícolas correspondentes a cada família vem complexificar as estratégias de casamento. A endogamia tem aqui um carácter muito marcado visto que há que conjugar, nas decisões, a preocupação acrescida de não juntar numa mesma aliança terras de brandas e inverneiras muito distantes que tomariam o seu amanho impraticável. As estratégias de aliança priverligiam, e é visível desde os primeiros registos paroquiais, uma fortíssima endogamia ao nível do lugar, com os lugares mais próximos e, ainda, com os lugares da mesma margem do rio, visto que as inverneiras de uma margem têm, maioritariamente, as brandas na mesma margem. Esta realidade de exclusão de alianças, expressa-se na existência de uma designação específica para os grupos de ambas as margens que alimentam uma rivalidade ainda hoje actualizada. Os gorriões, os da margem direita, e os camarros, os da margem esquerda.

organização do espaço e quais deverão ser os seus elementos a manter ou recuperar. Destes se espera que a sua significância e viabilidade de conservação permitam a leitura de uma paisagem coerente, prévia às mais recentes mutações. A opção da preservação e manutenção da ruína dos elementos em fase de abandono aparece-nos como uma solução capaz mas certamente não a única. A preservação passaria então pelo frear da tendência actual da ocupação do espaço caracterizada por um furor construtivo que anula a sua partição em áreas de povoado, campo, bouça e monte e tende a uniformizar todo o espaço, tomado agora como área de expansão urbanística dos povoados. Gerir esta expansão, contê-la no espaço, permite a inclusão, na nova paisagem que se constrói, de elementos significativos da paisagem anterior, situados em franjas agora marginais. A sua manutenção num estado de *abandono controlado*, sem que rateie ao valor patrimonial, introduz na paisagem a leitura das recentes mutações e da clara deslocação de centros e diferente relação com os recursos<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> A prevista criação de um pólo museológico na vila de Castro Laboreiro, que estimule a investigação numa fase charneira de mudanças no modo de vida e sirva de centro para uma leitura e interpretação da paisagem do espaço da freguesia, contribuirá para desenvolver respostas hábeis e inovadoras à complexa questão do modo de preservar.

O restauro e musealização de conjuntos de casas nos lugares abandonados ou com menor utilização, tratados como núcleos museológicos articulados com o núcleo central, permitirá valorizar os locais, controlar as ruínas, mantendo-os visitáveis. A recuperação de unidades agrícolas com este fim, solucionaria igualmente o problema da exposição dos instrumentos agrícolas de maior envergadura que assim ficariam depositados nos seus sítios tradicionais de recolha — alpendres, pátios...

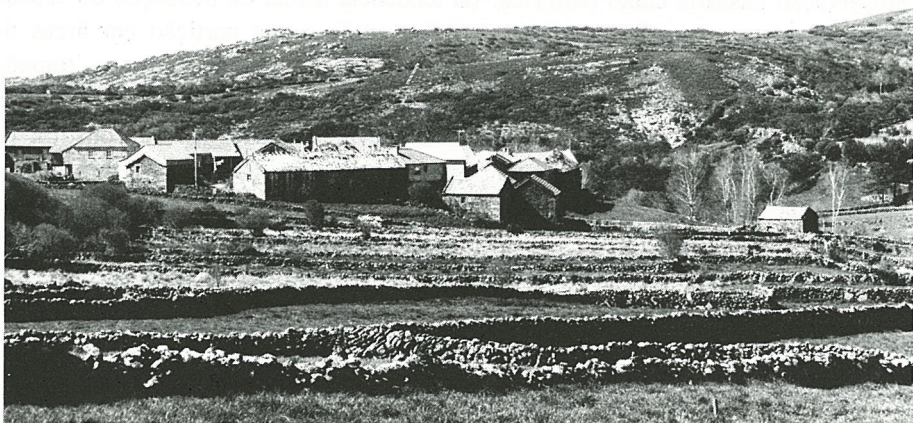


Fig. 1 — Branda da freguesia de Castro Laboreiro, núcleo de casario concentrado. Em primeiro plano os campos fechados por muretes, em fundo o planalto para onde se levam a apascentar os gados.

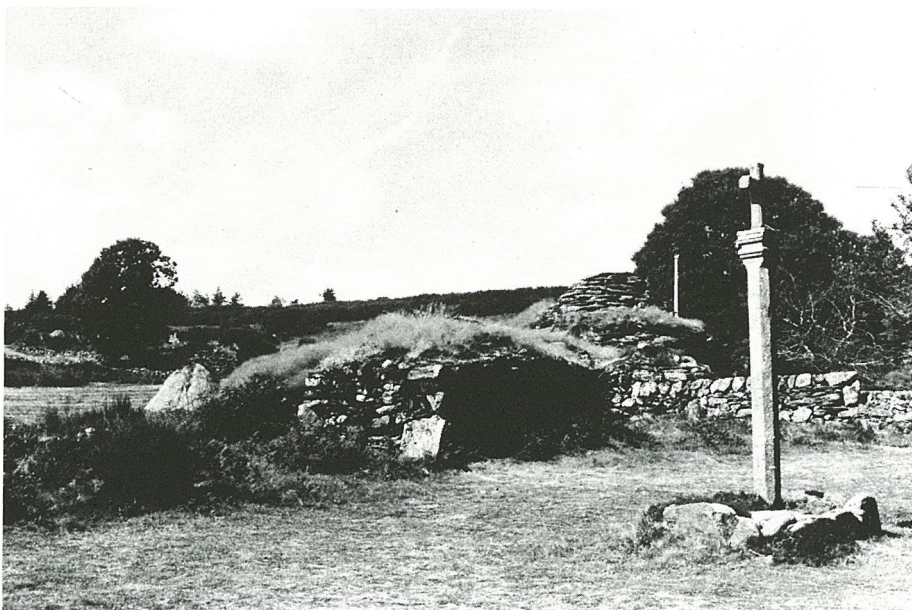


Fig. 2 — Santo António de Val de Poldras, branda das freguesias de Tangil e Riba de Mouro. Construções de falsa cúpula organizam-se em torno de um largo central.



Fig. 1 — Castelo de Castro Laboreiro. Pano da muralha onde se rasga a porta da traição, aberta para norte.

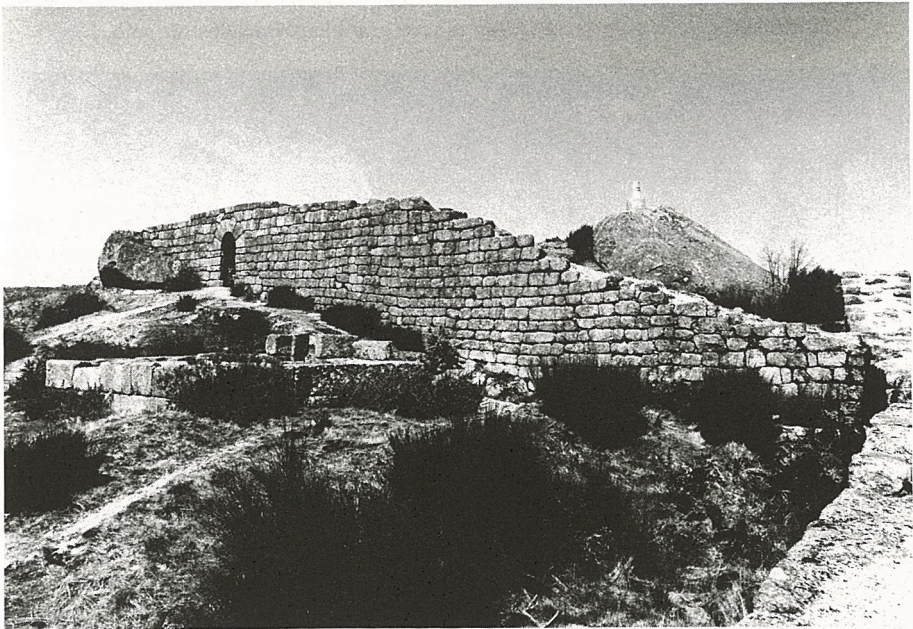


Fig. 2 — Interior do castelo de Castro Laboreiro. À esquerda, a porta que dá acesso do reduto sul para o norte. Neste, erguia-se a torre de menagem implantada sobre o maciço rochoso visível à direita da imagem.



Fig. 1 — Povoado abandonado implantado na encosta nordeste do monte do castelo de Castro Laboreiro (vista norte/sul). Em primeiro plano, restos de uma construção rectangular, materializada pela presença de blocos graníticos fincados no solo.



Fig. 2 — Povoado a sudeste do Castelo de Castro Laboreiro: pormenor de construção.



Fig. 3 — Povoado a sudeste do Castelo de Castro Laboreiro: pormenor de parede.